

CADEIRA N.º 23

Patrono: Juvenal Galeno

Vaga: Faecimento de Henriqueta Galeno

Recepiendo: José Valdivino de Carvalho (Não foi possível reconstituir o discurso)

Recepiendário: Florival Seraine

Data da posse: Junho de 1965

FLORIVAL ALVES SERAINE. Paraense de origem, ainda criança se transferiu para o Ceará, onde sempre tem vivido. Nasceu em 19 de abril de 1910, na cidade de Visau, filho de João Pedro Seraine e Júlia Alves Seraine. Médico pela Faculdade da Bahia, em 1930. Chefe do Serviço Médico do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas (IAPETC) e Delegado do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil. Especializado nos estudos de Folclore e Filologia, nos quais é autoridade. Publicou, entre muitos outros livros: *Descartes — O D's-curso sobre o Método* (1935); *Estudos Cearenses*, 1.ª série (1942); *Aspectos Históricos da Língua Nacional no Ceará* (1949); *Os Estudos Folclóricos e Etnográficos Cearenses* (1951); *Ensaio de Interpretação Lingüística* (1954); *Dicionário de Termos Populares* (1958); *Antologia do Folclore Cearense* (1968); *A Noiva do Tempo*, contos, (1976).

Florival Seraine

Sejam as palavras iniciais, nesta oração, de elevado reconhecimento pela benevolência com que os ilustres membros desta Casa se dignaram aceitar no seu honroso convívio ao apagado escritor provinciano, cujo único valor irrecusável será talvez o de estimar no mais alto preço as autênticas manifestações da vida espiritual.

Em seguida, agradeço profundamente sensibilizado as expressões dignificantes com que a respeito da minha produção intelectual se manifestou o preclaro homem de letras que é o general Carlos Studart Filho, um dos expoentes da nossa

cultura literária e científica. Bem assim, nesta hora solene da minha vida, recebo em grato movimento d'alma as generosas considerações que acaba de formular o culto e talentoso amigo professor José Valdivino de Carvalho acerca de aspectos que julgou mais significativos nos trabalhos divulgados pelo orador, em fases distintas de sua formação cultural.

Falar acerca de Juvenal Galeno, depois de tantas contribuições meritórias ao conhecimento da vida e da obra do grande bardo conterrâneo, como as de Francisco Alves de Andrade, Dolor Barreira, João Clímaco Bezerra — para citar apenas as mais recentes — não deixará de acarretar preocupação, mesmo àqueles que se acham afeitos a manejar os instrumentos intelectuais, sutis e apurados, que são de emprego atualmente no exercício da crítica literária. E esse não constitui, por certo, o caso do escritor que, emocionado, ora vos dirige a palavra.

Embora em épocas anteriores houvesse ele concentrado as atividades mentais nesse árduo setor da literatura, dele fosse progressivamente distanciando, atraído pelos problemas teóricos da linguagem e da cultura humanas.

Todavia, o domínio que a figura extraordinária do Poeta exerceu, desde longe, sobre o seu espírito, ainda hoje perdura, e talvez lhe justifique a ousadia em procurar ainda apreciá-la.

Foi o encontro do vate de *Lendas e Canções Populares* com a prestigiosa figura de Gonçalves Dias, que — segundo proclamam os historiadores — concorreu para mudar o sentido de sua *vis* criadora, no marco do romantismo, que era a corrente estética dominante àquela época no meio nacional, induzindo-o a lançar-se em busca das tradições de seu povo, da própria cultura distintiva das classes populares.

Certamente, do Velho Mundo um apreço significativo ao folclore, expressiva valorização do tradicional como motivo estético, repercutira sobre todo o mundo culto.

Mas no caso de Juvenal Galeno, antes de mais nada, deve considerar-se a estrutura da sua personalidade de poeta em relação com o ambiente social e com a cultura onde fez a

aprendizagem do legado tradicional da sua gente e onde embebeu as mais puras vivências do seu espírito. As manifestações literárias do indianismo e do sertanismo, acusadas nos integrantes da corrente romântica em nosso país, a exemplo de Alencar, Gonçalves Dias e tantos outros, não foram, entretanto, particularidade nossa, brasileira, na história da literatura universal. Antes dos nossos indianistas, já Cooper nos Estados Unidos e Chateaubriand na França haviam-se preocupado com a impressionante natureza do Continente americano e focalizado, em obras que se tornaram famosas, os seres ainda não integrados nas complexidades da existência cidadina, dentro do seu próprio ambiente cósmico e social.

O caboclo, o matuto, o rurícola, o homem *folk* em suma, atraía as atenções dos literatos patricios, que sofreram, então, o influxo das novas idéias no campo da Arte.

Entre os poetas, Bruno Seabra, Joaquim Marinho Serra Sobrinho e outros descreveram aspectos do ambiente sertanejo, que, na prosa, recebeu a consideração do autor de *Iracema*, de Taunay, e, mesmo antes, de um Bernardo Guimarães e um Franklin Távora.

O escritor brasileiro começou a desprender-se das influências portuguesas no estilo e na concepção artística, a procurar libertar-se das atuações alienígenas no plano da inspiração, buscando elaborar uma literatura com acentos propriamente nacionais, de tal modo que Ronald de Carvalho não vacilou em denominar de *autônomico* ao período estético que se iniciou no Brasil em 1880, com o romantismo. (1)

Em fases muito anteriores da vida intelectual brasileira — é mister observar-se — houve aqueles que, como Gregório de Matos, se preocuparam com retratar e satirizar hábitos, costumes, certas tradições nacionais, em síntese, aspectos verídicos da nossa paisagem social.

Mas, sem sombra de dúvida, é com o romantismo que se constitui e define grupalmente essa tendência espiritual, que,

1) Ronald de Carvalho — *Pequena História da Literatura Brasileira*, Rio, 1949, pág. 205 e segs.

na obra de Alencar, assumiu tom polêmico, atitudes pregoeiras da independência cultural e lingüística nacionais.

“O romantismo encontrou no fabuloso do folclore uma atmosfera interminável de evasão. Não foi só aos bardos e às estranhas mitologias a volta dos românticos, mas à poesia trovadoresca e aos romances medievais que tiveram voga excepcional, não apenas nos motivos e ambientes, mas também na graça da velha linguagem” — comenta Renato Almeida em seu livro *Inteligência do Folclore*. (2)

Vultos imponentes na História da Literatura e das Idéias Estéticas, como o italiano Vico, os franceses Voltaire e Rousseau, e o alemão Herder, especialmente este último, já haviam no entanto enxergado em temas oriundos dos primitivos e dos meios populares excelente veio inspirador das criações artísticas.

Seria uma injustiça esquecer a alta estima e a valorização cultural que esses homens excepcionais atribuíram ao popular como expressão estética, como manancial de sabedoria e repositório inesgotável de sentimentos, transbordantes de riqueza interior.

Quer Juvenal Galeno haja recebido, através de sua formação intelectual, o conhecimento dessa valorização estética do popular, quer essa noção lhe haja chegado ao espírito mediante os seus contatos com Gonçalves Dias, que — todos sabem — era portador de vasta cultura não só literária como científica, o certo é que o bardo cearense não encontrou dificuldade em se assenhorar dos motivos tradicionais e em procurar na selva vernácula o alimento essencial à sua inspiração.

Os sentimentos e as concepções filosóficas que a estética romântica cultivava orientando a literatura, tanto na poesia, como na prosa, foram de modo a agitar o mundo das artes e das letras, com a derrocada dos velhos processos filiados ao classicismo.

O ideal romântico — como já se tem frisado — no gênio tedesco encontrou as suas primeiras e mais lídimas demons-

2) Renato Almeida — *Inteligência do Folclore*, Rio, 1957, pág. 275.

trações, representando, em última análise, o triunfo do indivíduo sobre a disciplina moral e intelectual, antes vigorantes no campo da Estética.

Individualismo e subjetivismo caracterizavam, pois, as essências da inspiração, nessa época brilhante da história literária, bem de acordo com as célebres recomendações goethianas: “Evitar tudo quanto vos é estranho, não deveis admitir nada que seja contrário ao vosso ser”.

O vate conterrâneo sendo, no entanto, um criador genuíno, veraz, embora houvesse recebido as influências dessa corrente estética então predominante, a elas não se poderia acomodar de forma integral, desde que refletiam estados de espírito, que no ambiente europeu encontrariam justificativa plena, mas que em nossa subcultura, ainda a se elaborar sob rumos históricos tão diversos, só poderiam ser imitadas superficialmente, sem revelar consonância com as vibrações profundas da nossa alma, brasileira, cearense.

Não há exagero em acentuar-se que a literatura cearense se inicia com a obra de Juvenal Galeno.

Com efeito, antes das *Lendas e Canções Populares*, nada oferecemos que exprima, no plano da Literatura, a nossa realidade vital, que seja a demonstração sincera da existência de um povo que já trazia nas formas da sua cultura peculiaridades distintivas, como fruto de uma experiência histórica singularmente vivida.

Os célebres *Outeiros* que, em 1813, funcionaram sob a presidência do Governador Sampaio trouxeram a lume apenas algumas odes, sonetos e orações louvaminheiras, reveladoras do *Arcadismo* em terras cearenses. Manifestações literárias essas, que foram pura imitação, já retardatária, de gêneros e estilos que tiveram a sua voga no além-mar.

Anacronicamente, denotadoras de certos laivos classicistas, surgiram também nessa primeira metade do século XIX outras produções destituídas de valor literário, algumas divulgadas em *O Cearense* como as cartas de Braz Pitorras, que Antônio Sales benevolmente julgou possuidoras de “chiste espontâneo e forma elegante”.

A produção inicial de Galeno foi reunida em volume, intitulado *Prelúdios Poéticos*. Publicou ainda um poemeto de inspiração nativista que denominou "Porangaba".

A primeira série das *Lendas e Canções* foi composta no período que vai de 1859 a 1865 e as *Novas Lendas e Canções Populares*, entre 1866 e 1891.

Como bem acentuou Pinheiro Chagas, em comentário crítico apenso à segunda edição da obra citada, o vate cearense não consegue agradar quando procura a nota épica, tentando aquela poesia que faz lembrar um Beranger patrioteiro e retórico. Só triunfa verdadeiramente ao eleger a musa popular, vertendo no papel o delicioso nativismo das lendas e canções que arranca da alma ingênua do seu povo, a gente rude do sertão, das várzeas e das praias cearenses. (3)

Em sua obra — observei há alguns anos, preocupado então com a linguagem do poeta — a disposição freqüente dos períodos atende, sem dúvida, mais ao curso emocional do que à ordem lógica dos seus membros, entretanto, apesar de haver florescido em época do romantismo, atuações realistas são patentes na sua elaboração literária. A sua expressão reflete, em verdade, localismo, e motivos da inspiração não raro se integram na realidade objetiva. O que esta poesia exprime é bem da nossa percepção, são temas de sugestiva cor regional, que sentimos receberem sopro de vida aos ritmos dos versos, a que o artista logra transmitir o "acento" das nossas classes populares, mais fiéis ao sentido íntimo da paisagem. A forma adapta-se, pois, à substância, sendo meio tosca e desartificial como as fontes de onde proveio". (4)

Insistindo sobre o que antes já sugeria, direi que o grande significado da obra do nosso bardo reside no fato de ela refletir, através de suas formas poéticas, um dado instantâneo da evolução cultural do povo cearense, que, então, já se encontrava também mais ou menos definido em sua apresentação étnica, como resultado de sucessivas mesclas dos sangues in-

3) Juvenal Galeno — *Lendas e Canções Populares*, Fortaleza, 1891. Prefácio.

4) Florival Seraine — *Aspectos Históricos da Língua Nacional no Ceará*. Fortaleza, 1951.

dígena e lusitano, porquanto, na miscigenação regional, o africano entrara em proporção inferior e não se registra presença significativa de outras raças. Sendo ele um arquétipo de sua gente, a sua elaboração artística só poderia obedecer secretamente, em especial quanto ao conteúdo, a tendências psicológicas mais decisivas na organização das personalidades básicas dos seus conterrâneos.

O indivíduo desempenha um papel no seu quadro cultural, mas a cultura exerce influência decisiva sobre a formação da personalidade humana — eis um conceito da Antropologia moderna, que ninguém, decerto, ousará contestar. As expressões *Man in culture* e *Personality within culture* do pensador americano David Bidney sintetizam, pois, aqui, as direções básicas do pensamento científico. Mesmo o artista, em que idiosincrasias, entre os “determinantes” de caráter biológico, podem marcar singularidades na estruturação da personalidade, mesmo o poeta, quando logra realizar-se em toda a pujança criadora, ao encontrar os caminhos verdadeiros da inspiração, sejam quais forem as influências estéticas que lhe criem nesses momentos altos as faculdades elaborativas, não deixará de acusar o profundo sinete da cosmovisão inerente aos da sua cultura e de refletir a escala de valores que preside à conduta dos membros da sociedade onde sempre viveu.

Por isso, invocamos aqui uns juízos que, há alguns anos, ousamos formular, deixando patente a idéia de que a outra conceituação básica deverá obedecer-se, numa tentativa de classificar os períodos históricos de uma literatura, regional ou mesmo nacional; outra orientação, que não aquela que se rege fundamentalmente segundo escolas ou correntes estéticas surgidas e adotadas em ambientes culturais estranhos.

A nosso ver, o critério classificatório primordial deverá antes ficar em relação com as diretrizes psicológicas registráveis com maior frequência dentro do ambiente sócio-cultural, porque as obras afirmadoras e positivas serão aquelas que, pela sinceridade humana, o espelhem, e não se distanciem da órbita daqueles pendores gerais da coletividade.

Analisar sucessivamente as fases ou etapas que assinalaram esse processo definidor, situando-o no plano das revelações espirituais, a fim de observar como a literatura chegou a expressar modos peculiares de conceber a realidade humana e vital; examinar as vicissitudes caracterizadoras desse processo, olhado assim, em sua integração funcional no tempo e no espaço, com relação às culturas e sociedades que procedem da mistura de sangues e culturas heterogêneas, iniciadas em tempo ainda não remoto, deverá, sem dúvida, concentrar o interesse precípua de análise e da síntese culturais.

E a crítica literária poderá concluir que, após a sua normalização, uma cultura como a nossa, só apresentará frutos literários e artísticos que a revelem, quando eles se desenvolveram dentro de escolas ou preferências estéticas que não violentem, ou se ajustem às diretivas mentais em conexão com os valores mais atuantes no comportamento comum.

Isso não implica em esquecer a ocorrência de obras de alto merecimento, cujos autores sigam orientação espiritual diversa e que constituirão ilhas portentosas, destacadas do continente intelectual.

Sob a dependência das condições mesológicas, a vida social e econômica das populações cearenses adquiriu, através do curso histórico, aspectos que a singularizam e não deixam de concorrer intrinsecamente para modelar as estruturas das personalidades do homem regional. Habitado, desde as primeiras e decisivas impressões recebidas na infância, a enfrentar situações econômicas árduas, afeito a encarar de face a realidade menos fagueira, em constantes, repetidas fases de crise natural, o cearense só poderia acabar ostentando uma configuração pessoal em que as notas da objetividade se insinuam flagrantemente, e tendências realistas, anti-individualistas se manifestam e poderão ser vislumbradas em análises cuidadosas de sua atuação na sociedade, de revelações abertas do comportamento dos indivíduos, e mediante o exame psicocultural das sanções e motivos íntimos que lhes determinam a aludida conduta explícita.

Sem dúvida, a obra de Juvenal Galeno mais significativa que é representada pelas *Lendas e Canções Populares* no domínio da poesia e as *Cenas Populares*, no da prosa, acusa indícios do *zeitgeist*, do espírito assinalante da cultura ocidental naquela época vibrátil do século XIX.

Seja qual for o motivo determinante da sua decisão em buscar as fontes populares, poder-se-á, em razão da mesma, enquadrar as produções do aedo cearense no esquema conceptual do romantismo.

E românticos são a ternura, o sentimentalismo, a profunda simpatia humana pelo viver dos humildes e pobrezinhos, com o qual espontaneamente se identifica, glorificando-o através da sua poesia singela, mas de timbre emocional.

Pode perfeitamente admitir-se que Juvenal Galeno usufrísse de razoável preparação intelectual, diretor que fora da Biblioteca Pública de Fortaleza, tantos anos a conviver com as obras célebres da literatura universal. E, de outro lado, em freqüente contato com os eruditos membros das instituições culturais a que pertencia e os participantes das rodas literárias onde recebia aceitação fraterna.

As leituras clássicas e dos autores em voga impregnados daquele "idealismo romântico" deixaram impressões duradouras em seu espírito de modo a se refletirem na forma e mesmo na substância das composições poéticas.

Até mesmo velhos resíduos classicistas se nos deparam em trechos de certas poesias da sua lavra, onde figuram expressões como *natura, desumano rigor, fera luta, donoso* e outras.

Não obstante o que se acaba de referir, damos ênfase aqui à idéia de que, como provável decorrência de sua integração na realidade sócio-cultural, na motivação essencial do seu estro poético se achariam presentes, atuantes, traços psicológicos já definidos na personalidade básica do seu povo. Deste modo, torna-se fácil de compreender porque não foi para o índio, nem para o africano, nem para o europeu, que se dirigiu a sua alma de poeta, mas para aqueles que consigo conviviam e os quais, nesse estádio de nossa formação étnica e

cultural, ele a todo momento encontrava em sua existência ordinária.

Procurou retratar-lhes no mundo poético, através de aspectos significativos de sua vida espiritual e social e da própria cultura material.

Para imprimir maior sentido de objetividade e realismo à interpretação da alma popular, não vacilou em empregar nos seus versos a linguagem mesma, típica, do habitante da região.

Traços dialetais marcantes no linguajar cearense se acham reproduzidos nas suas composições, quer seja no campo da lexicologia, quer no da gramática, das construções sintáticas e até no da fonética!

E esse mesmo povo compreendeu-o e sentiu-o como a um intérprete das suas emoções cotidianas e do seu viver total escutando-o embevecido como se ele fosse o próprio eco de suas vozes interiores.

Algumas de suas produções foram musicadas e guardadas de cor pelos seus conterrâneos que muitas vezes as reproduziam sem dar-se conta da sua verdadeira autoria, tanto elas lhe pertenciam também ao eu profundo e lhes expressavam os sentimentos e as aspirações estéticas!

Cajueiro Pequeno, *Minha Jangada de Vela*, estão nesse número; são música e poesia embaladoras, de um lirismo inefável, arrancadas à memória coletiva e trazidas novamente ao seio do povo.

E, assim, estas obras que foram elaboradas por escritor culto, cujo nome era conhecido e aceito nos círculos intelectuais, tornavam-se anônimas e tradicionais, transmitidas pela oralidade e milagrosamente regressavam ao âmbito do verdadeiro folclore.

Na mesma linha central da literatura cearense, aquela que é seguida individualmente ou em grupo, por homens de letras que verdadeiramente a assinalam, está, portanto, Juvenal Galeno ao lado de poetas como o Jáder de Carvalho de *Terra de Ninguém* e outras obras; os estudiosos da nossa história,

de nossa vida econômica, social e política, da linguagem regional, congregadas há longos anos sob a égide do Instituto do Ceará; os nossos melhores romancistas, contistas e novelistas, um Antônio Sales, um Domingos Olímpio, um Rodolfo Teófilo, um Adolfo Caminha, um Oliveira Paiva, uma Raquel de Queirós, e os pertencentes às novas gerações, em parte filiados ao grupo Clã, renovadores da literatura e das artes no Ceará contemporâneo.

Tendências objetivistas, consubstanciadas em naturezas comuns que não foram plasmadas para a mera contemplação, nada propensas a viver imersas na fantasia ou em abstrações desligadas por inteiro da realidade concreta, tendências espirituais, em harmonia com temperamentos extrovertidos — sem dúvida, não poderão ser julgadas facetas apenas da personalidade cearense, nem marcas exclusivas da literatura regional.

O importante, porém — segundo creio — é que o fato seja registado entre nós, de modo empírico, pela observação direta e a análise dos fenômenos e das situações objetivas, tanto no plano exterior, como no da interioridade.

Entretanto, devemos sempre advertir que, espelhando embora a realidade ambiental, Juvenal Galeno não elaborou simples poesia descritiva, como se estivesse imbuído da idéia errônea de que Arte é imitação, de que na própria atividade de copiar, de imitar, encontrará o artista o estímulo mais intenso para a sua criação, como ainda pensava Aristóteles.

Certo, a realidade da arte é diferente da realidade da existência ordinária, todavia, não podemos contestar integralmente a afirmação de que na experiência estética — como lembra Moritz Geiger — “mergulha raízes um momento ou modo cognoscitivo”. A experiência estética encarada como forma de conhecimento, a essência do estético procurado nas determinações objetivas da obra de arte, não implicam na idéia de que a maneira como o sujeito seja afetado pelo objeto prescindida de interesse à investigação no plano teórico da arte. Mas, evidentemente, não é só à capacidade de excitar sentimentos, de deleitar, de agradar, como queria a Estética psico-

lógica do século XVIII, que devemos restringir as medidas de nossa valorização das obras literárias ou artísticas. (5)

A verdade, afinal de contas, é que o nosso Juvenal Galeno soube tocar às fibras autênticas do sentimento popular com as formas singelas da sua poesia, os seus ritmos desartificiosos, mas ajustáveis à profunda humildade, sinceridade e simplicidade do seu coração, que se identificou em singular movimento de *empatia* com o sentir e o pensar dos seus conterrâneos, afeitos a padecer, mas, ainda assim, de alma aberta às emanações do lirismo, transbordante dos motivos recolhidos da própria vida. Toda poesia — e toda obra instrumental — escreve um filósofo — baseia-se em um processo psíquico vivido, que se refere à intimidade do indivíduo no sentimento. De igual maneira, se esta sucessão de estados interiores é provocada por uma vivência determinada de fora, que responde a estados de alma de origem interna sem relação alguma com o mundo exterior, ou se obedece a uma massa de idéias, já seja histórica ou filosófica, esta sucessão de sentimentos constitui sempre o ponto de partida da poesia e do conteúdo que nela adquire expressão". (6)

Sabe-se que, em Portugal, a poesia lírica teve grande cultivo na fase romântica, constituindo o seu matiz mais representativo. Também em nosso país o lirismo romântico se acusou na obra de poetas e prosadores.

Juvenal Galeno foi, decerto, um lírico, que deixa transparecer os próprios sentimentos, as emoções individuais, na trama interior dos seus versos e das suas narrativas em prosa. Mas como permaneceu o bardo cearense sempre distanciado daquela poesia lamuriante e exaltadamente sentimental, do devaneio puro, das fantasiosas aventuras emocionais dos espíritos tantas vezes cheios de morbidez!

A motivação lírica da poesia de Juvenal Galeno mergulhava raízes na existência efetiva da comunidade: toda a gama

5) Moritz Geiger — *Problemática da Estética e Estética Fenomenológica* (trad. portuguesa). Salvador, 1958. *Passim*.

6) Wilhelm Dilthey — *Vida e Poesia* (trad. espanhola). México, 1945, pág. 451.

dos sentimentos, que banharam de lirismo o melhor de sua literatura, não flutuava, em suas origens, num universo puramente subjetivo, antes, era o resultado das vibrações afetivas do seu ser poético, transfigurado em intérprete da sensibilidade vulgar. Possuíam fundamentos na realidade social, que estava dentro do poeta fundida à sua prodigiosa subjetividade e inseparável da sua própria realidade humana e vital. Acreditamos que — como todo poeta autêntico — Juvenal Galeno jamais se esforçou, durante a sua existência terrena, por obter outro prêmio além do direito a poder efetuar a sua obra com sinceridade e pureza de sentimentos, evitando de macular a sua vida interior na lama dos vis interesses e ambições materiais, conservando a alma íntegra e livre, imersa na claridade dos altos cimos espirituais, onde o ar é sempre diáfano e isento de impurezas.

Nada mais desejou, evidentemente, do que ser o poeta do seu povo. E, em verdade, cumpriu a sua missão em toda a plenitude, realizando uma obra, cujo significado, para a literatura nacional, melhor se define e vai crescendo luminosamente, com o decorrer do tempo.

Em sentida alocução, à borda do túmulo de Henriqueta Galeno, a jornalista Adísia Sá proferiu esta síntese admirável: "Nesta cidade todo o mundo ficou a dever algum favor a Henriqueta Galeno, direta ou indiretamente."

Quase tudo quanto se poderia externar de relevante sobre a trajetória vital do pranteado rebento de Juvenal Galeno, acerca da sua projeção, na órbita da sociedade a que se incorporou, se acha contido nestas breves palavras, que calaram fundo em todos os presentes às exéquias da escritora conterrânea.

De minha parte por experiência própria declaro que não posso avaliar o quanto lhe fiquei a dever de apoio moral, de incitamento a viver e a trabalhar, neste ambiente fértil em embaraçosas competições.

Ainda jovem e inexperiente, cheguei a ser combatido e a atravessar momentos psíquicos desagradáveis, mas sem nunca esquecer aquelas perspectivas axiológicas de grave acento

espiritual, que bem cedo me fizeram descortinar os responsáveis pela minha primeira ducação.

Henriqueta Galeno que — diga-se a verdade — pairava muito acima das querelas particulares e dos conflitos procedentes de discriminações de qualquer ordem, mormente nos planos étnico e social, porque era cônica, sobretudo, das suas importantes funções de servir à Beleza e à inteligência, Henriqueta Galeno, nessas horas que marcaram fundo no meu ser, esmerava-se no acolhimento e em honrar àquele que não passaria então de humilde figura de intelectual, sem filiação a grupos ou facções prestigiosas e, mesmo, ainda indeciso quanto aos seus verdadeiros rumos literários.

Todo o mundo ficou a dever algo a Henriqueta Galeno, nesta brava cidade de Fortaleza, porque difícil seria existir alguém que não vislumbrasse, que fosse por completo indiferente à força espiritual emanada da sua complexa atuação dentro da sociedade.

Mesmo aqueles que pareceram não a estimar e lhe foram hostis, nem por isso deixaram de lucrar intimamente, com o assumir atitudes que lhes serviram, algumas vezes, para afirmar, no plano das letras, a índole combativa.

Possuidora de esmerada educação, Henriqueta Galeno a todos recebia amavelmente em sua Casa, que fora a mansão do inolvidável Poeta e ainda hoje serve de residência à escritora e folclorista Cândida Maria Santiago Galeno, ilustre mantenedora das tradições intelectuais da sua família.

Com o mesmo sorriso franco e aquelas suas maneiras diplomáticas, tão raras em nosso meio — porque ela fora um perfeito diplomata no melhor sentido que se possa atribuir a esse vocábulo — acolhia jovialmente aos poderosos da cidade, aos políticos eminentes, aos escritores de nomeada, e também aos poetas boêmios singelamente trajados e até aqueles que mal se iniciavam nas letras ou eram beletristas que envelhecera sem chegar a impor o seu nome nos círculos intelectuais.

Assim conheci a admirável mulher cearense na intimidade do seu lar e em horas solenes e luminosas, quando na Casa

de Juvenal Galeno se reunia o que há de mais representativo na sociedade local, para ouvir um Câmara Cascudo ou um Gustavo Barroso.

Para ela, o ser humano que ousara dedicar as preocupações mais sérias da existência ao cultivo do espírito, fosse ele quem fosse, deveria merecer atenções especiais, e respeito dos seus concidadãos e, destarte, exerceu, enquanto pôde, a nobilitante tarefa de prestigiar, em face dos nossos círculos sociais mais destacados, os homens de letras da sua esquicida terra nordestina.

Henriqueta Galeno escreveu trabalhos em prosa e inúmeras poesias, tocadas de lirismo, em que, por vezes, ressumbrava discreto amargor.

As grandes qualidades do seu espírito, as notas supremas da sua vida interior não se concentravam, porém, na execução de mera obra literária, de cunho individual, reflexo, tantas vezes, de mórbido egocentrismo.

Profundamente compenetrada do destino de sua comunidade, pois enxergava nas letras e no cultivo da inteligência elevada atuação em prol do melhoramento social, Henriqueta Galeno esquecia-se de si própria para cuidar de tarefas altruísticas, procurando incansavelmente trazer ao seio da coletividade o sentido da delectação espiritual sob o influxo das belas formas e dos conceitos eivados de sabedoria.

Sua Casa é, indiscutivelmente, um nobre recinto onde se venera a Beleza, e não acham guarida nas brilhantes reuniões ali freqüentes, paixões mesquinhas ou as atrações do vício. Diversão espiritual é, em suma, o atrativo desses encontros afáveis, em que predomina a correção de hábitos e maneiras.

Tudo, porém, sem espécie alguma de constrangimento pessoal, imposto por rígidos padrões de etiqueta ou meras distinções de grupos privilegiados. Entretanto, para lograr o êxito, que sempre obteve em suas realizações, era forçada, às vezes, a pôr em ação qualidades decisivas, como sejam valentia moral, firmeza de atitudes, sobrançeria, as quais foram o sólido escudo que costumava antepor aos óbices, porventura surgidos à sua frente com objetivos anuladores.

Do ponto de vista do significado social de suas obras mais representativas, não será fácil precisar qual a mais importante, se a de Juvenal Galeno que com a expressão do seu estro iluminado sintetizou e revelou a alma coletiva, se a de Henriqueta Galeno que, desprendidamente, dedicou a sua vida ao aprimoramento estético e cultural da coletividade a que pertenceu e a estimular e engrandecer os homens de letras da sua pátria.

Uma dívida de proporções consideráveis representa, sem dúvida, a que o povo do Ceará contraiu para com essas figuras de eleição, que ingressaram definitivamente em sua História!

Enfim, eis-me diante do pórtico iluminado que deverei transpor de espírito ligeiro e com a mente sublimada, a fim de poder usufruir da convivência daqueles que aqui se entregam aos ofícios da Beleza e da Sabedoria.

Singular trajetória espiritual a das Academias! A sua lendária origem se acha nos jardins da velha Ática, que eram freqüentados por filósofos e onde se fundou a escola platônica, onde o gênio helênico derramou, através dos ensinamentos de Platão, as luzes eternas da Idealidade.

O espírito acadêmico floresceu e irradiou-se para todos os recantos cultos do universo.

Teve, no entanto, os seus momentos de declínio e serviu mesmo de alvo aos remoques e à sátira social.

Preferências estéticas, orientadoras de gerações que desabrochavam para os embates do espírito, se lhe opuseram tantas vezes, submetendo-o a críticas violentas e acerbas.

Indivíduos de reconhecido talento colocaram as suas penas a serviço da destruição e agrediram impiedosamente o academismo, considerando-o índice de involução mental e demonstração de anacronismo e estreiteza intelectuais.

Entretanto, as Academias sempre foram um exemplo de elevação de propósitos, no seu caráter infenso à desordem literária e artística, na sua atitude disciplinadora das tendências individualistas, no seu cunho de sociabilidade, de tão saudável, higiênica, atuação psíquica.

O prestígio das Academias tem oscilado, certamente, com as inclinações estéticas dominantes nos períodos históricos.

Mas a continuidade de sua vida intelectual é indestrutível. Antigas organizações literárias como a *Accademia Della Crusca*, surgida em Florença no século XVI, ainda funcionam na Itália e outros países, apesar das vicissitudes por que tem passado a sua história, no setor beletrístico.

A Academia Brasileira de Letras tem sido asperamente agredida desde que começou a viver, por escritores, não raro, de mérito indiscutível, que acabaram por buscá-la e serem magnanimemente aceitos pelos seus integrantes.

A Academia Cearense de Letras que sempre teve a fortuna de congregar as figuras realmente significativas do nosso panorama literário e que já contou com a cooperação decidida de um Farias Brito, um Barão de Studart e um Antônio Sales, a nossa Academia tem atravessado, como as instituições congêneres, períodos áureos de intensa palpitação intelectual e fases de atividades quase sem brilho exterior. Hoje, parece-me estar a receber um frêmito de vitalidade, ou ao menos de esperançosa reanimação, com os brilhantes espíritos que a ela foram incorporados recentemente.

É, pois, sob esses lisonjeiros auspícios, que começo a penetrar em sua augusta intimidade.

Emoções que abalaram todo o meu ser e se tornaram indelévels, ante o espetáculo das formas eternizadas por um sopro de Beleza, que transcende as aparências e conduz ao puro visionamento, senti mais de uma vez, no curso de viagens, especialmente quando percorri a luminosa Itália — o país das artes.

O Rapto de Proserpina, de Bernini, em que o mármore adquire aos nossos olhos quase a maleabilidade dos tecidos humanos; composições de Guido Reni e outros, ricas de graça, colorido e luminosidade; todo o esplendor renascentista, vislumbrado em magníficas galerias e museus de arte, deram-me “o arrepiamento dos grandes dias” — para usar aqui a expressiva linguagem de um esteta.

Em Villa D'Este, nos arredores de Roma, que foi, outrora, residência do Cardeal Hipólito D'Este, membro de nobre e ilustre família italiana, os sentidos receberam impressões desconhecidas, à contemplação dos jardins harmoniosos, de sublimes criações plásticas, das fontes que se sucedem em ritmo fabuloso, nos terraços de onde se descortinam horizontes que raiam à fantasmagoria.

Senti, então, a alma vencida ante aqueles aspectos de uma realidade suntuosa e grave, a que doirava a imaginação, imersa no fascínio de um passado radioso.

Emoção não menos viva e tocada de elevação, embora com acentos psíquicos diferentes e oriunda de outras sugestões presentes e evocativas, invade-me a esta hora, e marcará para sempre em meu destino a vitória da espiritualidade sobre as contingências materiais.